

Políticas e práticas missionárias: discutindo a atuação missionária evangélica de matriz Norte-Americana¹

Jhébssika Angell Alves e Silva (PPGCS/UFCG)²

Missão é uma categoria que parece ser autoexplicativa, uma vez que é difundida em vários contextos. Desde filmes, literaturas, artes plásticas, textos acadêmicos, reportagens de jornais, como também para se referir a ações de empresas, ongs, exército, igreja, entre outros. Esta é uma categoria amplamente utilizada no senso comum tanto científico/acadêmico quanto no geral. Usualmente, se utiliza a categoria missão para denominar uma incumbência que alguém, ou grupo, deve executar, uma obrigação, um dever ou uma tarefa que foi dada e deve ser cumprida³. Por isso, é muito comum que empresas, organizações e grupos tenham uma missão a cumprir, algo que elegem como prioritário no exercício de suas funções.

Contudo, é no ambiente religioso que o termo missão vai carregar um significado muito específico e que para fins deste trabalho é sobre ele que vamos nos debruçar. Etimologicamente, este termo se origina do substantivo *missa* que por sua vez, vem do latim *mittere* e significa enviar, mandar, dispensar. Este era o termo utilizado ao final das celebrações religiosas, para dizer que as preces tinham sido enviadas, com o tempo passou a denominar toda a celebração⁴.

Neste sentido, missão está associada a ideia de envio, o que primeiramente estava relacionado ao envio de preces a Deus, em seguida passou-se a prática de enviar pessoas com o objetivo de “transformar corações e mentes, sinais e práticas” (COMAROFF & COMAROFF, 1991:XI) para uma lógica cristã. O que impacta não apenas as “disposições e motivações” nos “modelos de realidade vivida”, mas, também nos “modelos para” a

¹ “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) sob a orientação da Professora Dra. Mércia R. R. Batista. Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: jhessikaangell@gmail.com

³ Baseado na definição dada pelo dicionário online do Google. Acesso em junho de 2020: [https://www.google.com/search?client=opera&q=missão+significado&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8] %20e%20do%20Dicio%20[https://www.dicio.com.br/missao/].

⁴ Segundo dicionário etimológico da língua portuguesa (Cunha, 2012).

construção desta realidade (Geertz, 1973). Aqui, pessoas e espaços vão sendo incorporados, “criando-se, por vezes, verdadeiros territórios entretecidos a hierarquias sociais” (LIMA, 2007:168) uma vez que, ela é tanto produto quanto produtora de processos históricos culturais e políticos (Asad, 2010; Bornstein, 2005).

Desta forma, entendo que a missão fornece estas “disposições e motivações” para criação de “territórios” cristianizados, que informam e, muitas vezes ditam processos sociais a medida em que vão se incorporando ao grupo que desejam *alcançar*. Ainda que exista um certo debate entre as mais variadas correntes teológicas católicas, protestantes etc. sobre como se deve fazer missão e uma disputa do que isto significa na prática missionária, há um entendimento mais ou menos comum que missão é a proclamação do evangelho, o “*ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura*”⁵.

Nas diversas situações históricas (Oliveira, 2012) a categoria missões foi utilizada para explicar diferentes atuações que tinham como ponto de partida a religião cristã, mas que na prática atuavam fundamentadas em diferentes perspectivas sociais, teológicas e políticas, tanto no cristianismo de uma maneira geral, como de forma específica no protestantismo, que é a tradição cristã foco deste trabalho. Dessa forma, as missões podem até compartilhar do mesmo significado, mas suas implicações e formas de atuações são diversas.

Partindo disso, existe uma tensão entre como os missionários explicam suas atuações – a partir da ideia de *proclamar o evangelho* como uma expressão de sua crença – e como isto é vivenciado na prática pelos grupos atingidos por ela, pois entendo que a religião é uma atividade constitutiva no mundo social que impacta os modelos que os atores constroem de e para sociedade (Asad, 2010).

Assim, mesmo que as propostas missionárias partam de uma concepção metafísica da realidade, que implica em uma concepção de tempo sagrada (Fabian, 2013) onde o tempo presente está no interstício entre a ascensão do Cristo aos céus e a sua segunda vinda, suas ações ocorrem no tempo secular e com impactos sociais e políticos que precisam ser melhor compreendidos. Pois, os modelos de religião e suas atuações no mundo têm conformado e atingindo diversos campos da vida social no seu processo de expansão, levando junto com

⁵ Marcos 16:15. Bíblia Sagrada, versão Almeida Corrigida Fiel

seu escopo religioso formas, modelos e motivações que oferecem princípios sociais, políticos e econômicos próprios (Bornstein, 2005).

Neste sentido, entender este universo passa pela compreensão tanto do linguajar missionário e de suas explicações sobre seus trabalhos, quanto da contextualização social, política e histórica dessas tradições, uma vez que seus agentes “têm sido alguns dos protagonistas mais penetrantes (difundidos), poderosos e persistentes na longa história da globalização” (PELS apud NIELSEN et al, 2011:01. Tradução da autora)⁶.

Assim, a proposta deste trabalho é tentar entender as diferenciações que revelam posições nas relações e os distanciamentos e aproximações entre o campo religioso e o político. Dentro deste universo, partimos das atuações missionárias que se iniciam na experiência fundamentalista Norte-Americana e que historicamente tem operado em contraposição as missões mais ligadas ao campo ecumênico do desenvolvimento, visto que nos últimos anos estas têm se apresentado no cenário político como uma alternativa para o manejo das populações indígenas.

Do fundamentalismo evangélico estadunidense ao campo missionário brasileiro

Rubem César Fernandes (1980) nos apresenta a categoria fundamentalismo para mostrar um tipo específico de tradição missionária que ele chama de *missões de fé*. Estas estariam mais ligadas à prática evangelística. Mas, de onde vêm esta categorização? Ela descreve religiosidades mais rigorosas e restritivas ou é relativa a um movimento histórico específico?

O fundamentalismo no âmbito protestante não é um adjetivo acusatório para descrever um protestantismo mais conservador ou tradicional apenas. Ele foi um movimento histórico que foi nomeado e levantado pelos próprios protestantes. Surgiu no início do século XX nos Estados Unidos como um contraponto de parte da igreja protestante à teologia liberal e à modernidade secular.

⁶ “Missionaries have been some of the most pervasive, powerful and persistent protagonist in the long story of globalization”

É interessante ressaltar que esse movimento surge num contexto de uma sociedade pouco secularizada como a estadunidense no início do século XX – onde quase 70% dos habitantes diziam acreditar na existência do diabo e acreditavam que a Bíblia era a própria *palavra de Deus*, três quartos acreditavam na vida após a morte e um terço dos adultos diziam que Deus falava com eles (Ammerman, 1991 & Losurdo, 2007) – e que com o passar do tempo precisou reafirmar suas crenças frente a uma sociedade em mudança.

Segundo o teólogo Bruce Shelley (2018), o início deste movimento se deu a partir de um projeto financiado por uma elite protestante estadunidense que acreditava na necessidade de reafirmar ou reavivar as *verdades cristãs fundamentais* frente à uma teologia liberal que estava surgindo e se tornando proeminente nos Estados Unidos desde o movimento que ficou conhecido como Terceiro Grande Despertamento⁷ que começou a ocorrer a partir de 1850.

Segundo este movimento fundamentalista, a teologia liberal que estava crescendo no país estava produzindo uma releitura crítica da Bíblia que ocasionaria a destruição do protestantismo considerado verdadeiro. Tal perspectiva gerou diversas disputas dentro das denominações que acabaram se dividindo. Um marco deste momento foi a publicação entre os anos de 1910 e 1915 de uma coletânea de livros chamada *The Fundamentals: A Testimony to the truth* (Os Fundamentos: Um testemunho para a verdade), esta série de livros foi financiada por uma família do ramo petrolífero do Sul da Califórnia que sustentou o processo e conseguiu parceiros para a escrita, publicação e divulgação deste projeto (Shelley, 2018).

Ao todo foram mais de três milhões de cópias que foram gratuitamente enviadas a estudantes de teologia, pastores e missionários. Cada livro tratava de “verdades espirituais” consideradas fundamentais, e que por isso não podiam ser contestadas. Como por exemplo: o criacionismo, o nascimento virginal, a ressurreição física de Cristo, a justificação pela fé, a importância da evangelização, o fim dos tempos, entre outros temas, tudo baseado numa leitura literal da Bíblia, que deveria ser vista como a própria *palavra de Deus*.

⁷ A história do protestantismo norte-americano é marcada por uma série de grandes despertamentos (avivamentos) que impactaram o desenvolvimento e o surgimento de denominações no país. O primeiro deles e que é considerado o mais marcante se deu entre 1730 e 1740 criando uma identidade evangélica comum entre as denominações contra o pensamento Iluminista que vinha da Europa para os EUA. O segundo entre os anos de 1790 e 1840 que teve como resultado movimentos religiosos românticos com foco nas pregações emocionais para a salvação individual, o que posteriormente fornece as bases para o movimento carismático. E o terceiro, que estaria focado nas obrigações sociais do cristão frente a sociedade corrompida, numa ideia de promover justiça social (Ammerman, 1991).

Após a primeira Guerra Mundial a controvérsia liberais-fundamentalistas começou a eclodir mais fortemente e um dos marcos foi uma conferência Batista em 1920, onde o termo passou a ser utilizado mais comumente para designar este grupo de igrejas e cristãos protestantes que não aceitavam as descobertas científicas da modernidade e lutavam para manter uma cultura separatista entre a sociedade e a igreja (Wood & Watt, 2014).

O embate entre as ideias fundamentalistas e as liberais ocasionaram um cisma em diversas denominações. Neste embate os liberais se tornaram o *Mainline Protestantism* que seria a tradição protestante *mainstream* ou majoritária, principalmente no norte dos EUA, o que fez com que os fundamentalistas buscassem formar suas próprias igrejas, seminários, comunidades, escolas, universidades, editoras etc. para apregoar suas verdades fundamentais.

É importante ressaltar que nem todos os fundamentalistas tinham a mesma visão doutrinária, visto que diferentes denominações com suas tradições, costumes e liturgia aderiram a este movimento se desvinculando de suas igrejas históricas e formando uma corrente independente. Contudo, podemos encontrar em todas elas características semelhantes como: a crença na inerrância bíblica; o evangelismo proselitista; o pré-milenarismo⁸ e uma cultura separatista que divide o que é do *mundo* e por isso profano e o que é de Deus⁹ (Ammerman, 1991).

Os fundamentalistas encaravam o mundo a partir da perspectiva de que ele precisava ser salvo das ideias humanistas seculares que não permitiam que as pessoas enxergassem a *verdade* que estava contida nos textos bíblicos. A noção de verdade é essencial para se entender este universo, pois é através do compartilhamento da ideia de que se possui o saber verdadeiro que estes atores constroem uma realidade que pode ser compartilhada dentro de uma comunidade imaginada (Anderson, 1991) alcançável através da evangelização.

⁸ Crença dispensacionalista sobre o *fim dos tempos*. Baseado nesta teologia o mundo foi dividido previamente por Deus em etapas que começa com a *inocência* (Adão e Eva no Jardim do Éden), passando pela Consciência (Comer do fruto proibido e a expulsão do Jardim), *Governo Civil e Patriarcal* (todos os acontecimentos descritos do Genesis até Êxodo 18, como o dilúvio, torre de babel, a escravidão no Egito, entre outros), *Lei Mosaica* (quando Deus entrega a Moisés as leis para o seu povo no deserto) até chegar a *Graça* (que é estabelecida por Jesus) que dura até os dias de hoje, pois só irá ter um fim quando começar o *Milênio*, este é descrito como a finalização do tempo terreno quando Cristo irá governar por mil anos na terra até começar a eternidade nos céus para os salvos e no inferno para os que rejeitarem a Jesus. Assim o pré-milenarismo se refere a este momento em que, em tese, estamos na busca dos sinais da eminente volta de Cristo.

⁹ Esta cultura se refere tanto a uma separação da modernidade secular, quanto de suas tradições religiosas, uma vez que romperam com a tradição da qual faziam parte historicamente e construíram suas igrejas independentes.

Assim como Michel Foucault (1977) entendo que a verdade não existe fora das relações de poder, ela é um “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2012:53). Neste sentido essa verdade que os fundamentalistas apregoam é mais do que uma questão de fé, uma vez que não é a crença que sustenta essa verdade, mas é própria ideia de possuir a verdade, neste sentido foucaultiano, que sustenta a crença, ou seja, a fé é retroalimentada a partir desses regimes de verdade que a define. Portanto, sem estas verdades fundamentais a fé cristã estaria esvaziada de sentido.

Dessa forma, a disputa pela verdade é a razão de ser deste grupo. Por isso produzem “regimes de verdade” (Foucault, 1977) que devem idealmente gerenciar não apenas os que nela acreditam, mas toda sociedade. Nesse processo de disputa, os fundamentalistas dispunham de uma certa facilidade organizacional e financeira, mesmo rompendo com denominações históricas que detinham a maioria da força protestante e social estadunidense, eles conseguiram criar uma infraestrutura de atuação a partir de diversas frentes.

É importante ressaltar que o período entre guerras e o pós-guerra proveram um benefício particular para a expansão desses grupos a partir da atividade missionária. Segundo o historiador Axel Schäfer (2012) a partir de 1945 os “protestantes conservadores”¹⁰ se tornaram os grupos missionários dominantes nos EUA. Estes se beneficiaram das oportunidades oferecidas pelo “século americano” para buscar construir em outros países revivalismos, missões e agências religiosas. Isso se deu tanto a partir de financiamentos públicos, pois segundo o pesquisador apesar de tais grupos buscarem manter uma imagem de outsider, eles se beneficiaram de ajudas governamentais a partir de oportunidades de financiamento público nas áreas de saúde, educação e ajuda internacional (Schäfer, 2012). Como também a partir de financiamentos privados, o que o trabalho do historiador Darren Dochuk (2019) aponta para as ligações entre empresários independentes do petróleo e as agências, institutos e associações protestantes e missionárias, que ele chama de Cristianismo *Wildcat*¹¹.

¹⁰ O autor usa a categoria conservador para falar destes que chamamos de fundamentalistas neste trabalho.

¹¹ Cristianismo independente também ligado a uma ideia de teologia da prosperidade. Aqui a busca por petróleo tanto nos terrenos das igrejas como dos fiéis estava ligada a uma ideia de presente divino, como também a ideia dos Estados Unidos como uma nação de Deus e por isso apregoavam o “*America First*” e agora o “*Make America Great Again*” (Dochuk, 2019).

Esses financiamentos criaram oportunidades para o crescimento e a manutenção destes grupos resultando na criação de novas missões e na adesão de um maior número de missionários nesse período (Schäfer, 2012). Segundo Pablo Deiros (1991), no final da década de 1970, 53.500 missionários estadunidenses estavam atuando na América Latina, movimentando mais de 1.2 bilhão em renda.

Esse é o contexto histórico que propicia a chegada e a consolidação dessas agências missionárias, grupos evangelísticos, denominações e pastores no território latino-americano. Os financiamentos públicos e privados, as pregações emotivas, o uso das mídias de rádio e posteriormente de TV, a fundação de editoras e a distribuição de livros e panfletos potencializaram o fundamentalismo protestante tanto no território estadunidense, como por todo o continente americano.

Na América Latina e especialmente no Brasil quase todas as denominações tiveram influências fundamentalistas por conta deste esforço missionário. Assim, mesmo em igrejas de tradições reformadas, históricas ou pentecostais, podemos encontrar características que demonstram associação com este movimento, que não pode ser entendido apenas como um movimento institucionalizado, pois não são muitas as igrejas que se denominam como fundamentalistas¹², mas como uma “tendência ideológica” em diversas denominações, o que pode ser visto em suas crenças, práticas e costumes (Deiros, 1991).

Neste sentido, entendo o fundamentalismo como um fenômeno histórico, cultural, religioso e político que moldou o “ser evangélico” no Brasil. Com certeza não podemos afirmar que todos os evangélicos brasileiros se enxergam ou se enquadram no universo institucional fundamentalista, mas podemos constatar que o projeto fundamentalista foi amplamente incorporado por boa parte das igrejas evangélicas no Brasil, a partir de uma agenda ideológica que faz uma leitura da Bíblia como a *Palavra de Deus*, inerrante, infalível e por isso inquestionável, que lê a história buscando sinais da volta de Cristo dentro de uma perspectiva dispensacionista e que tem a evangelização como sua tarefa mais importante.

Neste sentido, as missões são essenciais para a propagação desta agenda. E a Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) é um bom exemplo deste movimento. A MNTB há 67 anos

¹² Algumas igrejas de que foram fundadas diretamente a partir de missionários estadunidenses fundamentalistas têm como nome de sua denominação a categoria fundamentalista, como por exemplo: Igreja Batista Fundamentalista, entre outras.

tem atuado com os povos indígenas no Brasil e com outros grupos considerados *tribais*¹³ ao redor do mundo. Segundo consta em seu site institucional ela é uma agência indenominacional¹⁴, mas não ecumênica, o que ela faz questão de frisar – já se contrapondo ao movimento ecumênico mais ligado a tradição liberal – por isso seus membros devem seguir e crer em dogmas bem estabelecidos sobre a fé cristã:

A Missão Novas Tribos do Brasil crê: 1. **Na inspiração verbal e divina da autoridade das Sagradas Escrituras**; 2. Em um Deus único e verdadeiro, que subsiste eternamente em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo; 3. No nascimento virginal do Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, sem pecado. Em Sua morte vicária, Sua ressurreição corporal, Sua presente intercessão e **Sua volta, física e pré-milenial**; 4. Na queda do homem, resultando em completa e universal separação de Deus e sua necessidade de salvação; 5. Na morte de Cristo: voluntária e substituinte, como sacrifício pelos pecados do mundo inteiro; 6. Na salvação eterna pela Graça, como um dom de Deus, inteiramente independente de obras; que **cada pessoa é responsável por si própria quanto a aceitar ou rejeitar a salvação** pela fé no Senhor Jesus Cristo, e que a alma uma vez salva, jamais perecerá; 7. No Espírito Santo, que regenera o crente com vida divina pela fé; 8. Na ressurreição corporal dos crentes e dos não crentes. Eterna felicidade com Cristo para os salvos e eterno tormento para os não salvos; 9. Na responsabilidade dos crentes em obedecer a Palavra de Deus e testemunhar a todos acerca da graça salvadora de Cristo. Embora de caráter interdenominacional, **a Missão não é ecumênica**, carismática e nem neoevangélica¹⁵

Apesar de não utilizar a categoria fundamentalista para se definir, podemos perceber a profunda ligação que a MNTB tem com o fundamentalismo, tanto em seu escopo formativo como uma missão que nasce nos EUA dentro do movimento fundamentalista histórico, como também a partir de seus credos grifados acima. Dessa forma, entendo a missão como uma ferramenta deste sistema e o missionário como sua encarnação que a partir da *evangelização* expande e consolida o projeto fundamentalista.

Entender a *evangelização*, seus pressupostos e processos é uma tarefa importante para a compreensão deste universo, pois é através dela que os missionários colocam em prática

¹³ Categoria que a Missão utiliza para designar povos que seriam vistos como autóctones ou nativos.

¹⁴ Não representa nenhuma denominação e aceita membros de diversas denominações evangélicas.

¹⁵ Credo retirado do site institucional da MNTB. Disponível em: <<http://www.novastribosdobrasil.org.br/quem-somos/nisto-cremos/>>.

estratégias para a *conversão*. Assim, *evangelização* e *conversão* são categorias constitutivas desta tradição que revelam posições sociais e políticas desta atuação no campo indigenista.

Evangelismo e conversão: A atuação política de atores religiosos

Um dos pontos centrais para aprofundar o conhecimento sobre este universo, está na percepção de que as atuações desses atores são fundamentadas em racionalidades distintas das que, por exemplo, operam os atores laicos do campo de ações indigenistas, pois, a base das ações missionárias é religiosa e tem ligação profunda com o tipo de tradição e entendimento teológico que tais agências acreditam e seguem.

No universo da tradição missionária fundamentalista, suas ações estão baseadas, numa perspectiva *dispensacionalista*, que encara a realidade a partir de uma concepção de tempo sagrada que pode ser explicada por etapas históricas descritas na Bíblia que foram cumpridas e que vão se cumprir. Aqui o tempo foi divinamente dividido em cinco etapas, neste processo, o momento contemporâneo seria a quarta etapa, o tempo da *Graça*, onde a principal atividade da *Igreja* é a *evangelização* de todos os grupos humanos, visando a *conversão* da maioria possível de pessoas, uma vez que estaríamos na eminência da volta de Jesus o que necessitaria de que sua *palavra* estivesse espalhada por toda terra, segundo tal visão.

Neste sentido, precisamos compreender melhor como estes atores explicam suas ações, tendo em vista que estes se utilizam de categorias do campo religioso do qual fazem parte e que por isso operam um instrumental lógico e argumentativo diferente dos outros agentes deste campo, mas que tem implicações e consequências na vida social, que precisam ser também analisadas e contrapostas sociologicamente.

Evangelização, evangelizar e evangelismo são os termos utilizados pelos missionários do campo fundamentalista, para descrever o que seria sua principal atividade. “A *evangelização* é a tarefa prioritária da *Igreja de Cristo*¹⁶, ela é a missão específica de todo

¹⁶ Termo bastante utilizado pelos interlocutores da pesquisa para se referirem a uma espécie de Igreja formada por todos aqueles que creem e professam a fé em Jesus, o que está para além das denominações específicas.

cristão” (Lidório¹⁷, 2018 – informação verbal¹⁸). Segundo definição elaborada em 1966 no Congresso de Evangelização Mundial em Berlim, organizado por diversas lideranças cristãs evangélicas do mundo:

Evangelização é a proclamação do Evangelho do Cristo crucificado e ressurreto, o único redentor do homem, de acordo com as Escrituras, com o propósito de **persuadir** pecadores condenados e perdidos a pôr sua confiança em Deus, recebendo e aceitando a Cristo como Senhor em todos os aspectos da vida e na comunhão de sua igreja, aguardando o dia de sua volta gloriosa (SHEDD, 2010:08)

Partindo deste conceito, a evangelização implica persuasão, ela é um processo que envolve estratégias de convencimento do *outro* sobre uma mensagem que está sendo transmitida. Contudo, este processo de convencimento é explicado pelos missionários a partir de um processo metafísico, no qual o *Espírito Santo* age para convencer a pessoa que recebe a mensagem sobre sua condição de *pecador* que necessita de *salvação*.

O evangelismo se propõe a isso: a contar quem é Deus, a história de Deus, sua obra e sua história, isso seria o evangelismo. Então, a pessoa que adere a essa nova ideia ela passa por uma transformação que não cabe exatamente ao homem defini-la porque ela é uma transformação que vem do próprio Deus (Professor do Centro de Treinamento Missionário Shekinah, 2015 – informação verbal¹⁹).

¹⁷ Ronaldo Lidório é um dos principais nomes da missiologia no Brasil. Segundo currículo disponibilizado pela Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB), Ronaldo Lidório é graduado em teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte e possui doutorado em Estudos Interculturais e Antropologia pela Royal London University. Desenvolveu diversos estudos e projetos sociais e evangelísticos entre o povo Konkomba de Gana, dentre eles a tradução do Novo Testamento para a língua Limonkpehn. Atualmente Lidório representa uma grande liderança nos embates recentes entre as missões protestantes e a Funai, a partir de 2015. É pastor presbiteriano associado à Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT), que é associada à AMTB, compondo a liderança desta. Atualmente coordena a equipe Amanajé, que é uma frente missionária que atua em 12 diferentes grupos étnicos na Amazônia Brasileira, sendo filiada à Missão de Evangelização Mundial (AMEM - WEC Brasil). Coordena, também, o Instituto Antropos, criado por ele, atuando nas áreas de Antropologia, Pesquisa Sociocultural e Missiologia Aplicada

¹⁸ Fala do missionário Ronaldo Lidório no “Seminário Qual é a Missão da Igreja?” em Campina Grande, em 24 fev. 2020.

¹⁹ Entrevista concedida no contexto da pesquisa de mestrado: ““Evangelizando todas as tribos até a última ser alcançada’: Reflexões sobre a Missão Novas Tribos do Brasil e a antropologia aplicada às ações missionárias” (Alves e Silva, 2016).

Apesar de delegar a Deus este papel de convencimento, o missionário passa por uma longa formação que o prepara teológica e missiologicamente e o aparelha com ferramentas didáticas, como ilustrações, músicas, entre outras formas pedagógicas para o ensino e a transmissão dos conhecimentos que desejam compartilhar. Esse processo é entendido como que baseado numa dialogia:

A evangelização se dá nos códigos do ouvinte (língua materna e cultura), a catequese ocorre com os códigos de quem fala, do transmissor. A evangelização concentra-se na mensagem do evangelho a ser transmitida, enquanto a catequese destaca os símbolos e a estrutura da igreja que a realiza. [...] a evangelização é dialógica e relacional, uma vez que utiliza processos de conversão, exposição e discipulado que visam o entendimento da mensagem e à sua aplicação na vida diária. A catequese é impositiva e distanciada, pois ocorre no ensino não dialogado e num ambiente de transmissão sem conversação, quase puramente litúrgico. (LIDÓRIO, 2011:44)

Nesse sentido, a concepção de evangelização como dialógica e relacional implica em uma idealização, por parte dos seguidores, como algo que não causaria prejuízos a sociedade, grupo ou pessoas que a receberem, pois haveria uma pretensa liberdade entre a parte que comunica e a parte que recebe a mensagem e que a partir de um escopo missiológico, baseado inclusive numa certa antropologia (Alves e Silva, 2016), “as verdades espirituais podem ser compartilhadas respeitando a língua e a cultura do povo que se quer alcançar”²⁰.

A partir da ideia de evangelização há uma pretensão em distanciar esta ação da prática proselitista, pois esta última é vista enquanto carregada de sentido negativo e autoritário, como também era desencorajada pela FUNAI a partir da Instrução Normativa n° 2 de 8 de abril de 1994, na qual o Órgão buscava direcionar as ações missionárias para a ajuda humanitária, numa tentativa de coibir o proselitismo religioso (Of. n° 83/94 - PIB, 1995).

Segundo o dicionário da língua portuguesa Michaelis online²¹, proselitismo significa uma “tentativa persistente de persuadir ou convencer outras pessoas a aceitar suas crenças, em geral relativas à religião ou à política”. Note que a persuasão também aparece como

²⁰ Fala de um missionário em conversa na pesquisa de campo feita em 2019

²¹ Acesso em 29/09/2020 - <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=D9YbD>

característica desta atividade, assim como apareceu no significado de evangelização elaborado pela Conferência de Evangelização Mundial, citada anteriormente.

O convencimento é parte inerente destas atividades, faz parte do processo de propagar a mensagem e fazer com que os outros a entendam e a aceitem como *verdadeira*, por isso, muitas vezes essas duas categorias são utilizadas social e sociologicamente como sinônimas. Contudo, os missionários evangélicos disputam a legitimidade de suas ações dentro do campo indigenista e por isso precisam se diferenciar de outras atuações que marcaram negativamente a história, neste sentido a evangelização é entendida como um contraponto ao proselitismo.

Assim, a evangelização aparece como o ato de compartilhar uma mensagem que é entendida como uma verdade acima de qualquer religião, cultura ou modelo social, que por isso é adaptável e compartilhável de forma dialógica e não impositiva. Contudo, sabemos que o estabelecimento de regimes de verdade carrega em si efeitos de poder (Foucault, 1977) e por isso não é possível compreender as ações evangelísticas como num vazio histórico e cultural, onde as pessoas se encontram e compartilham uma mensagem de forma livre de modelos e formatos. O missionário carrega consigo suas tradições de conhecimento que impactam tanto na forma como ele expõe a mensagem, quanto no modo que ele concebe o grupo com o qual vai atuar.

Outro ponto que nos ajuda a entender melhor a *evangelização* é o seu caráter de urgência e de atividade exclusiva de um grupo específico. Há na prática evangelística uma urgência, advinda da concepção de tempo sagrada baseada na tradição fundamentalista, na qual estaríamos vivendo na eminência da volta de Jesus Cristo e por isso as pessoas precisariam ouvir o mais rápido possível sobre a *mensagem de salvação* que só pode ser contada por aqueles que já foram *salvos*. Assim, os missionários precisariam se dedicar principalmente a esta atividade mais do que a qualquer outra, uma vez a ajuda humanitária, o desenvolvimento social, por exemplo, pode ser oferecida por diversas organizações, já a evangelização, que seria o meio de levar a *salvação* à humanidade, só pode ser oferecida pelos crentes e numa espécie de corrida contra o tempo. Segundo, Ronaldo Lidório, em uma pregação que acompanhei em fevereiro de 2020:

O envolvimento com os vulneráveis, fragilizados e excluídos é parte do DNA da Igreja de Cristo, o que o próprio mestre, o senhor Jesus, falou

abundantemente sobre viúvas, enfermos, órfãos e encarcerados. O amor ao próximo deve assim levar a igreja a um contínuo envolvimento com aqueles que sofrem, mas essa tarefa não encerra a missão da igreja, nem é sua parte prioritária. Eu explico por quê. Enquanto a ongs, governos e pessoas, e eu destaco, até pessoas não cristãs, atuam no cuidado com as ações sociais e no zelo ecológico. A missão particular da igreja, ou seja, a evangelização do mundo, é singular, exclusiva e intransferível. É a prioridade da igreja. A missão particular da igreja e que é também uma prioridade das prioridades, como vemos em Romanos capítulo 15, versículo 20, é pregar o evangelho onde cristo não foi ainda anunciado. A prioridade das prioridades (Lidório, 2020 – informação verbal¹⁸**Error! Bookmark not defined.**).

Partindo disso, entendo a *evangelização* como uma prática que busca levar uma mensagem que é vista como urgente, eminentemente verdadeira e que por ser entendida como *verdade* dá sentido e reveste de poder os agentes que a praticam, legitimando suas ações entre os seus pares, o que proporciona um grande apoio financeiro, movimentando milhões de dólares em receita²² para a realização deste empreendimento.

Assim, para além do entendimento metafísico destas ações, existem implicações sociais, econômicas e políticas que se apresentam ao pesquisarmos estas atuações, pois estas movimentam um material humano, financeiro e estrutural gigantesco e que afeta diretamente os grupos que buscam *alcançar*. Nesta perspectiva os empreendimentos evangelísticos locais devem ser entendidos “tanto como um projeto cultural em si quanto como metonímia de um movimento global” (Comaroff & Comaroff, [1992] 2010:41)

Estes são movimentos transnacionais que articulam processos locais - de evangelização - a processos abrangentes de constituição de uma *comunidade imaginada* (Anderson, 1991) para além das fronteiras estatais. Nesse sentido, precisamos refletir sobre como as dimensões transnacionais das missões interferem nas dimensões políticas locais e globais. Pois, de um modo geral estas contribuíram para a consolidação e implantação de projetos políticos.

Dessa forma, essas ações evangelísticas promovem não apenas elementos religiosos, mas também elementos políticos, sociais e culturais constitutivos das sociedades que atuam, ligando indivíduos, grupos, movimentos e empreendimentos globais. (Nielsen, 2011). Partindo disso, a noção de *evangelização* que primeiramente aparece como uma exigência da

²² Segundo relatório disponível em: <<https://ministrywatch.com/compare.php>>. Acesso em janeiro de 2020

própria interpretação da mensagem cristã deve ser refletida a partir de um movimento transnacional que envolve relações de poder e interesses que tem como principal objetivo *converter* o maior número possível de pessoas e se tornar, assim, cada vez mais hegemônica.

O processo de *conversão* é algo que também precisa ser compreendido a partir tanto do que os agentes religiosos apresentam como explicações para esse processo, tanto a partir do que ocorre de forma prática na sociedade. Primeiramente, para os agentes da MNTB, mas também para esta tradição fundamentalista de um modo geral, o *convertido* é alguém que aceitou completamente *a mensagem de salvação* e isto implica em algumas mudanças de comportamento que tem como base a noção de pecado que é trazida no escopo da pregação bíblica.

Mas, existe um certo paradoxo entre a expectativa religiosa da conversão e os processos de conversão na prática. Nesse sentido, é necessário que tenhamos uma compreensão mais abrangente do conceito de conversão. Primeiramente como categoria que envolve um processo que se pretende transformador, pois envolve uma mudança completa realizada por Deus. Mas também como categoria analítica, que envolve processos dialéticos de continuidades e descontinuidades (Campos & Reesink, 2014) tanto no âmbito religioso quanto fora dele.

Por isso, é de fundamental importância entender a conversão a partir de um olhar contextualizado e histórico para cada situação social, pois, como colocam Jean e John Comaroff (1991), este é um processo que envolve dominação e resistência, luta e inovação que para além de buscar modificar “coração, mentes, sinais e práticas” para uma concepção cristã, aciona também lugares de confronto e resistência.

Dessa forma, voltar o olhar para as situações históricas nas quais os processos de conversão ocorrem nos ajudam a entender a complexidade das atuações missionárias que, de forma recorrente, não ocorrem apenas no campo religioso. Como mostrou Erica Bornstein (2005) as ideias de salvação, progresso e desenvolvimento vão historicamente se interligando e ganhando força juntamente com a propagação do pensamento cristão.

Partindo disso, entendemos que os empreendimentos missionários ao se movimentarem na busca por transformar o *mundo espiritual* das populações com as quais atuam, também impactaram grandemente nas questões que envolvem o mundo material, dado que as atuações não partem do nada, existe um background político e econômico tanto por

partes dos agentes das missões, quanto por parte das próprias instituições missionárias. Uma questão importante nesse contexto é refletir como essas agências combinam seus ideais do mundo religioso com ideais políticos e sociais.

No caso específico da Novas Tribos (MNTB) é importante pontuar alguns aspectos para o entendimento dessas políticas que partem das atuações de fé. Primeiramente é necessário destacar que a formação do missionário da MNTB envolve cursos de políticas indigenistas, desenvolvimento de projetos sociais, práticas de saúde, entre outros. Tais cursos constroem a base para a atuação desta Missão para além do âmbito estritamente religioso, pois colabora no processo de construção da aproximação com as comunidades e possibilita a permanência nestas.

A antiga New Tribes Mission (NTM), atual Ethnos360, que fundou a MNTB no Brasil, em seu site possui uma aba para divulgar seus projetos sociais e receber arrecadações. São dezenas de projetos com foco nas mais diversas áreas, como: educação, saúde, emergência no contexto de desastres ambientais e de guerra, transporte etc. Como também projetos mais ligados aos objetivos evangelísticos: tradução da bíblia, desenvolvimento de softwares para ajudar no processo de aprendizado da língua nativa, transporte de missionários (aviões) para lugares remotos etc.

Todos os projetos são divulgados amplamente no site da instituição, contendo descrição, objetivos e o valor financeiro que precisam alcançar. Segundo um relatório da MinistryWatch²³, a Ethnos360 possui uma receita total de 61.658.434,00 milhões de dólares²⁴. Estes recursos são captados através de doações, qualquer pessoa física pode doar através do site, por meio de cartão de crédito. Logo, se torna difícil rastrear de onde partem estas doações.

²³ É uma agência que busca mapear as missões cristãs que atuam a partir de doações. Segundo consta em seu site: “MinistryWatch is an independent donor advocate facilitating the information needs of donors. It provides information on organizations alleging to be charitable and its key leadership to identify materially misleading behavior, or wasteful spending practices, as well as identifying those operations that are above board and running efficiently. The objective is to limit consequences of scams and prevention of fraudulent activity, promote better allocations of giving, encourage intelligent questions of organizational structure, financial health, and advance the idea of organizational transparency and best practices. MinistryWatch is the online database component of Wall Watchers that profiles and reports on nonprofit ministries. MinistryWatch is not an organization but is just one communication outlet for Wall Watchers. MinistryWatch is sometimes seen as a type of consumer reporting website of faith-based charities”.

²⁴ Relatório disponível em: <<https://ministrywatch.com/compare.php>>. Acesso em outubro de 2020

Contudo, um ponto que merece destaque é que apesar de divulgar e realizar outros projetos, de cunho mais social, os projetos evangélicos e religiosos são os que possuem mais doadores e têm maior destaque, uma vez que o propósito principal da missão é a *propagação do evangelho* aos povos não contatados ou de difícil acesso.

No contexto das missões norte-americanas que atuam com o propósito de evangelização mundial, a Ethnos360 está entre as principais missões com as maiores receitas. A primeira posição é ocupada pela Wycliffe que há mais de 70 anos têm como principal propósito a tradução da Bíblia para línguas estrangeiras²⁵. Segundo mesmo relatório a receita total da Wycliffe chega a 192.924.000 milhões de dólares.

Assim, ao que parece, apesar de haver certa mobilização para projetos sociais, humanitários ou filantrópicos, o que tem movido este universo das missões fundamentalistas de forma mais contundente é o objetivo de levar a fé cristã para todo o mundo, através de missionários e da tradução da Bíblia para as mais diversas línguas nativas.

No contexto específico da Missões Novas Tribos do Brasil se torna um pouco mais difícil o acesso a esses números e aos projetos que desenvolvem para além da esfera religiosa. Em seus meios de comunicação não há exposto nenhum projeto social específico. Em seu site há apenas uma chamada para contribuição para a obra missionária. Desse modo, não é uma tarefa simples traçar os caminhos que os recursos percorrem e nem mapear quais seriam as outras formas de atuação da Missão.

Outro meio de divulgação do trabalho da Missão são as *pregações* realizadas pelos missionários em cultos nas igrejas locais e agora mais recentemente as redes sociais. Aqui, tanto nas pregações como nas publicações não há apresentações das atividades sociais realizadas entre os povos com os quais atuam. A grande pauta é a *evangelização* e a *conversão* dos grupos que a MNTB chama de tribais.

Assim, a salvação do inferno, literalmente como algo que ocorrerá para todos os que *morrerem sem Cristo*, é a principal pauta da MNTB. Mesmo que trabalhem com povos necessitados de ajuda material, a ideia é que “não adianta salvar o corpo e perder a alma”, como disse um missionário entrevistado.

²⁵ “For more than 70 years, Wycliffe has helped people around the world translate the Bible into their own languages”. Retirado do site da Missão, disponível em: <<https://www.wycliffe.org/about>>. Acesso em setembro de 2020.

Entretanto, também foi dito em entrevista por um dos líderes da Missão que “a missão deve ser integral, pois é impossível ouvir o *chamado de Deus* e não se compadecer com o sofrimento humano”. Assim, os missionários aprendem no seminário a preparar, produzir e implementar projetos de cunho social, principalmente nas áreas de saúde e educação. Dessa forma, essa questão aparece de forma um pouco ambígua, já que prepararam o missionário também para uma atuação de caráter mais social, mas não apresentam ou divulgam os tipos de ações que realizam neste campo.

Na pesquisa etnográfica para a construção deste trabalho vários missionários relataram que os projetos sociais podem ser uma porta de entrada para a construção de uma relação de confiança com o grupo que desejam *alcançar*. Como também os projetos na área de educação facilitam o processo de aprendizagem da língua indígena, o que auxilia o processo de tradução da bíblia. Nesse sentido, mesmo que existam projetos que viabilizem uma melhora nas condições econômicas e sociais do grupo *alcançado*, o empenho e estímulo colocado na execução destes têm como *background* a conversão à fé cristã evangélica.

Esse contexto nos mostra como se movimenta a MNTB neste campo do universo de atuações indigenistas no Brasil, uma vez que ela não se mobiliza frente as demandas do campo do desenvolvimento social. Pelo contrário, sua atuação é pautada pela dificuldade que certas populações têm de acessar o conhecimento cristão. Por isso, ela busca parceiros transnacionais no contexto de agendas ligadas ao universo religioso do campo fundamentalista.

Contudo, sabemos que a atuação cristã também é uma atuação política. Mesmo que não seja nos moldes da política que comumente reconhecemos, há neste contexto da Novas Tribos uma atuação política baseada na fé que faz oposição a ações políticas de outras organizações baseadas na fé ou não, dentro do contexto dos povos indígenas no Brasil.

Nos últimos anos vários embates, confrontos e conflitos políticos foram se agudizando, trazendo consigo disputas entre agendas construídas para e com as populações indígenas, uma vez que há antagonismos de projetos no que diz respeito as concepções de desenvolvimento social, político e econômico. Um exemplo que pode indicar nuances deste quadro político foi uma conversa que tive com um missionário no ano de 2018, no qual ele relatou que os povos indígenas estariam presos as agendas das Ongs, não tendo o controle

para decidir o próprio futuro. Portanto, seria necessário um rompimento com tais organizações para a construção de uma dita autonomia indígena.

Esta concepção nos indica que para além de buscar demarcar diferenças entre as atuações, aqui, também há uma busca por se opor a certa lógica de atuação, que seria a “das Ongs”. A partir desta percepção, a atuação da MNTB não estaria prejudicando a soberania indígena, já que esta não seria vista como ligada a essa suposta “agenda das Ongs”. Nisto percebemos que todo esse quadro é político, pois envolve disputas de legitimidade das atuações neste campo indigenista. Ou seja, há um embate para saber quais agências possuiriam o direito, a validade ou a legalidade para atuar com os povos indígenas.

Assim, podemos perceber um movimento que tem colocado em contraposição estes campos, distribuindo os atores sociais num espaço de confronto, oposição e resistência, onde a MNTB se mobiliza e se posiciona dentro do espectro das atuações percebidas no campo indigenista. Não atuar de forma aberta com questões sociais é um indício nesse processo de demarcar posicionamentos neste universo.

Partindo deste panorama, o desenho que vai se formando sobre as atuações missionárias no contexto dos povos indígenas no Brasil parece ter como um divisor questões que envolvem o campo do desenvolvimento social e da ajuda humanitária e o campo da *evangelização*. Sendo assim, a *evangelização* se torna uma política de fé que traz junto com o conteúdo religioso (des)mobilizações políticas, pois neste processo, a Missão busca desenvolver o que acredita como mais adequado para as populações indígenas na construção da autonomia destes e isto passa, também, por “libertar” tais grupos das “agendas das Ongs”.

Este universo, como fica notório, é extremamente complexo e multifacetado. Conseqüentemente, o acompanhamento do cotidiano destas formas de atuação se torna indispensável para uma percepção menos simplista deste campo. Contudo, a investigação de seus processos formativos é por vezes de difícil alcance. Por isso, estes são apontamentos que buscam trazer mais elementos para uma compreensão menos estereotipada deste cenário amplo onde estas missões têm atuado.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. In: *Cadernos Pagu* (50), 2017.

ALVES E SILVA, J. A. “*Evangelizando todas as tribos até a última ser alcançada*”: Reflexões sobre a Missão Novas Tribos do Brasil e a antropologia aplicada às ações missionárias. 2016. Dissertação (Mestrado) – PPGA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

AMMERMAN, Nancy T. North American Protestant Fundamentalism. In: MARTY, Martin E. & APPLEBY, R. Scott. *Fundamentalism Observed: The Fundamentalism Project*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, [1991] 2008.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010.

BORNSTEIN, E. *The spirit of development. Protestant NGOs, morality, and economics in Zimbabwe*. Stanford: Stanford University Press, 2005.

CAMPOS, R. B. C. & REESINK, M. L. Conversão (in) útil. *Revista Antropológicas*, v 18, n 25 (1), 2014.

COMAROFF, J. & COMAROFF J. *Of revelation and revolution. Christianity, colonialism, and consciousness in South Africa*. V. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

COMAROFF, J. & COMAROFF, J. Etnografia e imaginação histórica. *Revista Proa*, v. 1, n. 2, p. 1-72, [1992] 2010.

DEIROS, Pablo A. Protestant Fundamentalism in Latin America. In: MARTY, Martin E. & APPLEBY, R. Scott. *Fundamentalism Observed: The Fundamentalism Project*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

DOCHUK. Darren. *Anointed with oil: How Christianity and Crude made modern America*. New York: Basic Books, 2019.

FERNANDES, Rubem C. *Um exército de anjos: as razões da missão novas tribos*. IN: *Religião e Sociedade* n° 6. Rio de Janeiro: CER, ISER, 1980.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 25° ed. São Paulo: Graal, [1977] 2012.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC [1973], 2008.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. Tradições de conhecimento na gestão colonial da desigualdade: reflexões a partir da administração indigenista no Brasil. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel & BASTOS, Cristina (org.) *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

LOSURDO, Domenico. *Il linguaggio dell'Imperio. Lessico dell'ideologia americana*. Bari: Editori Laterza, 2007

NIELSSEN, H; et.al. *Protestant Missions and Local Encounters in the Nineteenth and Twentieth Centuries: Unto the Ends of the World*. Boston: Brill, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Formas de dominação sobre o indígena na fronteira amazônica: Alto Solimões, de 1650 a 1910*. (Dossiê). In: Caderno CRH, Salvador, v.25, n.64, p. 17-31, jan./abr. 2012.

SCHÄFER, Axel. *Piety and Public funding: Evangelicals and the State in Modern America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012.

SHEDD, Russel P. *Evangelização: fundamentos bíblicos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI* / tradução Giuliana Niedhardt. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

WOOD, Simon A. & WATT, David H. *Fundamentalism: Perspectives on a contested history*. Columbia: University of South Carolina Press, 2014.